

Uma possível fonte mito-organológica da duplicidade apolínea-dionisiaca em Nietzsche.

Tito Stepanenko Gaglianone

Mestrando na UFRJ (PPGF)

<http://lattes.cnpq.br/3929188070372207>

titogaglianone@gmail.com

51

A percepção de uma dualidade simbólica – entre Apolo e Dioniso – na Grécia não era novidade na época de Nietzsche. Na verdade, a constatação dessa duplicidade era lugar comum entre os alemães do Século XIX e já estava presente de certo modo desde a antiguidade (Schmidt, 2012 p. 91-98). O filósofo bebeu dessas fontes nas suas formulações e construiu ao seu modo uma significação mais concisa de seu simbolismo, concebendo o apolíneo-dionisiaco como impulsos artísticos originais (Nietzsche, 2020, p. 21), de dimensão estética, psicológica e metafísica, inspirada nas suas leituras sobretudo de Schopenhauer e Wagner. Contudo, há uma simbologia ancorada em um famoso mito helênico que suponho poder trazer luz para o fenômeno desses dois estados artísticos. Trata-se do mito que aborda a diferenciação organológica entre dois instrumentos muito difundidos na Grécia: a κιθάρα (*kithára*) e o αὐλός (*aulós*). As associações de cada um destes instrumentos às práticas culturais de expressão poético-religiosa de sua época parecem se opor, porém, paradoxalmente, elas são intrinsecamente complementares. Com efeito, as paridades notadas por Nietzsche em *O Nascimento da tragédia* entre o gênero épico e o lírico; o peã e o ditirambo; a cítara e o *aulós*; enfim, entre Apolo e Dionísio, é também aquela encontrada sintetizada no mito de Marsias. O mito remonta à invenção do *aulós*, que era o principal instrumento dos rituais dionisiacos, do coro ditirâmico e da tragédia (Pereira, 2001, p. 414; Bell, 2020, p. 19-20). Segundo a tradição, o sátiro Mársias, dominando o *aulós*, desafia Apolo com sua cítara para uma disputa musical. Tendo vencido a primeira etapa, ele acaba sendo derrotado pelo deus que decide cantar em acompanhamento. Mársias foi vencido, morto e esquartejado pela sua audácia, mas havia feito Apolo estremecer. O mito oferece uma gama ampla para análises que, de várias maneiras, entram em consonância com as teses nietzschianas. O objetivo da minha comunicação, entretanto, é intensificar o prisma organológico segundo uma

ótica filosófica. Assim, irei partir do fato de que ambos eram instrumentos de natureza totalmente diversa: o *aulós* era um instrumento de sopro, dissonante, de tons imperfeitos e bastante maleável modalmente, enquanto que a *kithára*, era um instrumento de corda, de afinação precisa, rigidamente controlado, e de alta precisão harmônica (Bell, 2020, p. 29-30). A intenção é demonstrar como as diferentes características dos instrumentos já entre os gregos antigos carregavam uma dualidade simbólica, que poderia servir como fonte para o apolíneo-dionisíaco de Nietzsche.

Palavras-chave: Nietzsche. Estética. Música Grega. Mitologia.

Bibliografia

BELL, K. *From Dionysus to Die Walküre: The Ancient Greek Aulos as a Key to Wagner's Writing for the Oboe and English Horn*. Thesis (Doctorate in Music) – Jacobs School of Music, Indiana University. Bloomington, 161p., 2020.

NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia, ou, os gregos e o pessimismo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2020.

PEREIRA, A. *A Mousiké: Das Origens ao Drama de Eurípides*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

SCHMIDT, J. *Kommentar zu Nietzsches "Die Geburt der Tragödie"*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2012.